

# SOBRE

## mascente

Publica-se  
a um e quinze  
de cada mês

Mínimo de assi-  
natura: 5 núme-  
ros, 5 escudos.  
(Pagamento  
adiantado.)

Visado pela  
Comissão de  
Censura

quinzenário cultural de literatura e crítica

### ANTOLOGIA (CONTINUAÇÃO DA PÁGINA TREZE)

des que são apenas desejos e aspirações confusas; essa incontinência no destacar a sua personalidade no primeiro plano de toda a cena, combinada em certas ocasiões com timidez enervadoras; essa insaciável curiosidade perante o mundo real e a vida social onde tantas restrições encontram os seus apetites e o seu afan; essa incompreensão universal de que julgam ser vítimas; toda a imprecisão em suma da sua personalidade, que se está plasmando, e toda a imperfeição da sua adaptação ao meio social, que está no período da tentativa e do ensaio, e o erro consequente, costumam personificar-se no pai, o primeiro obstáculo, o guia mais inevitável e o corrector mais severo, e a pessoa, em suma, de quem se julgam com direito a exigir mais compreensão e por quem precisamente se julgam mais mal compreendidos.

Os pais têm de se compenetrar da responsabilidade que lhes cabe em tal situação, a qual felizmente nem sempre se produz, ainda que outras vezes adquira caracteres até mais agudos. Se compreender é amar, também o amor deve levar à compreensão e com a compreensão à tolerância. O pai pode e deve compreender o filho, melhor do que este se compreende a si mesmo. Porque passou pelas mesmas crises espirituais, às quais agora não liga importância, esquecendo a que tiveram no seu tempo quando lhe preenchiam a vida inteira; e porque tem agora a chave—da qual carecia então, como hoje o seu filho—do sentido, origem e significado da crise pubescente.

Da conduta adoptada pelo

pai neste passo difícil, como guia incompreensivo, inflexível e duro, ou como guia compreensivo, flexível e eficaz, dependerá o carácter das relações futuras com o filho. Em condições normais, o carinho salvar-se-á na maioria dos casos, mas também podem naufragar a ternura e a amizade e ficarem cicatrizes morais que perturbem a vida do filho. Nada mais eficaz para a tranquillidade moral da vida, para a saúde normal do espirito, e para nunca nos sentirmos remissos no pagamento das dividas sentimentais, que a claridade e limpidez dos nossos affectos.

#### CONTACTO COM OS ESPIRITOS SUPERIORES

Em nenhuma época como na correspondente à adolescência, é tão necessário recordar que a educação não é mera transmissão de conhecimentos ou de sentimentos a um espirito inerte e passivo como um receptáculo; que nada de verdadeiramente espiritual pode transmitir-se, porque o espiritual é a criação; que as doutrinas já elaboradas e construídas que podem transmitir-se são a obra morta da educação *Qu'importe le fond des doctrines! c'est l'élan qui fait la morale.* Como atear essa chama e iluminar essas águas revoltas que se agitam no espirito adolescente para poder guiá-las e canalizá-las? A propósito, recordamos umas palavras mágicas que Platão escreve numa das suas cartas: «Não há sobre isso nenhum escrito meu, nem haverá. Porque se não pode exprimi-lo, como outras doutrinas, mas, pelo grande esforço es-

piritual consagrado a tal objecto e pelo viver em comum, gera-se repentinamente na alma, como uma luz se acende pela chispa que salta, e logo se mantém por si mesma».

Na adolescência, no momento em que a personalidade tende a coagular, a concentrar-se unificada, quando mais avidamente se mira o exterior, quando o contágio do exemplo é maior, é quando a sugestão e o contacto das personalidades superiores podem por sua vez elevar, inflamar e afinar o espirito.

#### EVITAR IGUALMENTE O VAGO DEVANEIO E A VULGARIDADE

Inteiramo-nos pelos psicólogos de que o espirito do adolescente tende a idealizar a vida, mas para alimentar tal tendência e para que não degenera, sobretudo, em mórbida fantasmagoria e vago devaneio, é preciso purificá-la, dar-lhe um conteúdo sério e um conteúdo adequado. O adolescente não deve dissociar o mundo da realidade daquele outro mundo da sua imaginação e do seu desejo, com grave risco de fugir do primeiro para se refugiar no segundo, mas sim acostumar-se a fundi-los e a que seja o mundo real o embelezado por o seu idealismo. Ou, para melhor dizer, acostumar-se a destacar o tom e o valor ideal que o mundo real oferece quando sabemos contemplá-lo com os olhos maravilhosos. Acostumar-se a tratar com as pessoas, as ideias e as coisas superiores, com prazer-se nisso, e não se abandonar à via do menor esforço que é sempre a do

descenso. Ouçamos o conselho de Goethe:

«... Soia dizer: O homem pende tanto para as coisas vulgares; o espirito e os sentimentos embotam-se tão facilmente para as impressões do belo e do perfeito, que devemos manter em nós, por todos os meios, a capacidade de senti-los. Ninguém pode privar-se por completo desses prazeres, e só a falta de hábito de apreciar as boas coisas ocasiona que muitos homens se deiletem com simpezas e despautérios, contanto que sejam novos. Devíamos pelo menos—disse—ouvir todos os dias uma cançãozinha, ler uma boa poesia, ver um quadro excelente e, quando fôsse possível, dizer algumas frases razoáveis...»

São justamente os educadores norte-americanos, os quais sob a influência da orientação pragmática da sua vida social e também da sua filosofia—sempre mais concordes do que habitualmente se reconhece,—orientam a educação da sua juventude, demasiado unilateralmente, para o amplo mundo da rivalidade prática e dos negócios, quem mais insiste, sem embargo, em fazer compreender que o conhecimento do passado, o contacto proveitoso com os delicados elementos da tradição humana, com os que foram e são essenciais ao valor e à verdadeira e íntima dignidade da civilização, é indispensável não só para desvendarmos o futuro mas também para nos incorporarmos na sua elaboração com essa actividade criadora que constitue o fim essencial da educação da personalidade humana.